

Leilah não vai ao cabeleireiro, que compra menos xampu, que deixa a Hoechst sem pedidos... 224

Marcelo Pontes

Leilah Caminha, 48 anos, uma senhora muito vaidosa, deixou de ir ao cabeleireiro três vezes por semana, em Copacabana, após ser demitida em maio do emprego de operadora do telegrelô da Bolsa de Valores. No salão de dona Lia, ou Maria Correa Bezerra, 53 anos, na esquina de Siqueira Campos com Barata Ribeiro, onde Leilah fazia seus penteados, cada um dos dois cabeleireiros atendia, no mínimo, a dez clientes por dia, até alguns meses atrás. Hoje, atende a um ou dois.

Dona Lia suspendeu a compra de revistas *Amiga* e *Manchete* para a sala de espera, cancelou pedidos de grandes quantidades de xampu e creme rinse e desligou o ar condicionado do salão. Na banca de jornal em frente ao prédio, o italiano Pietro Salvatore Santoro, 59 anos, informa: "Eu recebia toda semana 20 exemplares de *Amiga* e 20 de *Manchete* e não dava para quem queria. Hoje, recebo dez de cada uma e não consigo vender tudo". Dona Lia serve, agora, à sua parca clientela, uma *Veja* velha de uma semana, dada de presente por uma cliente rica, assinante da revista.

Planos adiados

— Sem muitos cabelos para lavar, dona Lia compra bisnagas de xampu em promoções nas drogarias, na medida das necessidades, e não garrafas das indústrias de cosméticos. A Belfam, uma fábrica de produtos Wella, em Jacarepaguá, sentiu essa retração, iniciada em Copacabana com gestos semelhantes ao de Leilah Caminha, a senhora vaidosa demitida do telegrelô da Bolsa.

Primeiro, a fábrica diminuiu de dois turnos para turno e meio o seu ritmo de produção, porque os pedidos dos clientes caíram 30%. Os cosméticos mais caros foram deixados de lado. O plano de investimentos para 1991, do qual uma das atrações seria a importação de uma rotuladeira, foi cancelado. E não se imobilizou mais tanto dinheiro, hoje uma preciosidade, com o estoque de matérias primas. Os produtos químicos para fabricação de cosméticos, no almoxarifado da Belfam, dão, agora, para 15 dias, e não mais para um mês.

"A recessão de 1982 e 1983 foi pior", diz o diretor de produção da Belfam, o alemão Joham Markl, 57 anos. "Naquela época, demitimos dois terços do pessoal. Queremos evitar isso agora." Com experiência de 30 anos de crise econômica no Brasil, *Seu João*, como o alemão prefere ser chamado, adota na vida doméstica com mulher e dois filhos uma receita particular para enfrentar a recessão: "A gente tenta gastar menos. Em vez de comprar um terno em cada ano, compro uma calça. Em vez de jogar sapato velho fora, ponho uma sola".

Multinacional — Naturalmente, a indústria que fornece produtos químicos para a fábrica de *Seu João* também sofreu repercussão, lá em São Paulo, do gesto com que Leilah Caminha, a vaidosa do telegrelô, se defendeu em Copacabana do desemprego e da recessão. A Divisão de Cosméticos da multinacional alemã Hoechst, por exemplo, registrou em novembro uma queda de 60% nos pedidos de matéria prima para fabricação de produtos usados em salões de cabeleireiros como o de dona Lia. "Agora, em dezembro, estamos recebendo apenas 10% dos pedidos de épocas normais", informa o gerente do Departamento de Vendas de Materiais para Cosméticos da Hoechst, o carioca Luiz Fernando Coimbra, 49 anos.

Com isso, a Hoechst está reduzindo de três meses para um mês, nos seus tanques no porto de

Santos (SP), o estoque de um produto básico para a fabricação de xampu e creme rinse, o álcool graxo, que é importado. Ao álcool graxo são anexadas algumas moléculas de óxido de etileno. Esse produto, em seguida, entra num processo chamado de sulfatação, que é uma reação provocada por trióxido de enxofre. Daí, sai um detergente que espuma bastante e não é tóxico. É esse detergente, com o nome comercial de Genapol LRO, o produto básico da Hoechst para a fabricação dos cosméticos que chegam de alguma forma ao salão de cabeleireiro onde dona Lia atendia três vezes por semana a vaidosa Leilah Caminha.

Asfixia — Dona Lia suava em bicas em seu salão deserto, no calor da tarde de quinta-feira passada, sem saber que a cadeia da recessão iniciada ali ia bater no porto de Santos. "Desliguei o ar condicionado para ver se economizo uns Cr\$ 10 mil por mês", disse dona Lia. Eis aí outra ponta da cadeia da recessão. A Light está registrando neste mês de dezembro um consumo de energia elétrica 5% menor no Rio de Janeiro, comparando-o com o mesmo período do ano passado.

Este é um dos dados mais cruéis da recessão, porque mexe com os povos do cidadão. Segundo a Light, essa queda de consumo em pleno calor escaldante do verão é decorrência exclusivamente do desligamento voluntário de aparelhos de ar condicionado, por medida de economia. Um aparelho de 10 mil BTUs, por exemplo, consome Cr\$ 100,00 de energia elétrica por dia. Uma pessoa que dorme toda noite com um aparelho de ar condicionado ligado aumenta sua conta de luz, no fim do mês, em Cr\$ 3 mil.

Pratos e lingerie

— Por isso, Leilah Caminha, a senhora vaidosa do telegrelô, não lamenta o fato de não ter aparelho de ar condicionado em seu apartamento de três quartos na Rua Domingos Ferreira, onde mora com a mãe, uma irmã, uma filha casada e dois netos. Lamenta, sim, não poder mais pedir aos domingos refeição por telefone no Restaurante Rian, na Rua Santa Clara, entre Domingos Ferreira e Atlântica. "Os pedidos por telefone eram de 30 a 40 por dia. Agora, temos de 15 a 20", diz o gerente do restaurante, o português Adriano Pinheiro, 55 anos, olhando desolado para o salão de 160 cadeiras diante do qual, em outros verões, havia fila de fregueses esperando vagas até o fim da tarde — quinta-feira passada, às 16h, apenas dois fregueses almoçavam ali.

O menu de pratos caros do Rian, como o Bacalhau ao Zé do Pipo a Cr\$ 2 mil e lagosta a Cr\$ 2.600,00, está encoberto com papel datilografado, oferecendo opções populares, mais condimentadas com a crise — carne seca, frango na brasa, atum com salada, lingua fresca, ripas de costeleta com feijão tropeiro, entre Cr\$ 550,00 e Cr\$ 600,00. "Eu mando os garçons avisar aos fregueses que alguns pratos dão para duas pessoas", diz o gerente Adriano.

A economia do país pode se arrebentar, o mundo pode desabar, mas Leilah Caminha, vivendo de pensão do ex-marido, não abre mão de uma de suas mais caras e delicadas manias de mulher vaidosa: não cancelou suas compras de lingerie. "Gosto de dormir bem, de andar bem na rua. Já pensou numa emergência? Um acidente em que você é levada para o hospital? Já houve até assalto em que o ladrão levou a roupa da pessoa", justifica. A vaidade de Leilah Caminha é um dos frágeis fios que sustentam, no momento, a indústria de lingerie. A Du Loren, por exemplo, tinha sempre pedidos para três meses de trabalho em sua linha de produção. Agora, não tem para janeiro.



Leilah: sem cortar a lingerie